

Abertura do Seminário sobre Herança e Futuro da Construção do Desenvolvimento no Brasil

Instituto Sérgio Motta

São Paulo (SP), 29 de Novembro de 2004.

Bom dia a todos. Ao iniciar nosso encontro esta manhã, já tão bem descrito pelo Luiz Carlos [Mendonça de Barros], também queria fazer uma referência especial ao Sérgio [Motta]. Toda gente sabe a ligação que o Sérgio tinha comigo e com a maior parte dos aqui presentes, senão com todos.

Eu conheci o Sérgio através do [José] Serra, antes de eu ir para o Senado, em pleno regime autoritário. Sérgio tinha uma empresa, a HidroBrasileira, e era uma espécie de salvador dos desesperados naquela época. Ele estava por trás de um jornal chamado Movimento, que resultou de uma briga entre pessoas que se opunham ao regime autoritário. Havia um jornal chamado Opinião, a cujo conselho editorial eu pertencia. Quando houve a dissidência e foi criado o Movimento, eu fui também para o conselho do Movimento, porque sempre fui conciliador! Fiz a ponte entre os dois jornais de oposição. Sérgio era o motor do Movimento (Sérgio era conciliador, mas, primeiro, esmagava o adversário!).

Desde então, Sérgio foi um companheiro permanente. Por quê? Porque ele tinha uma inteligência rara, uma capacidade de intuir enorme; Sérgio pegava o conjunto dos problemas e ia imediatamente atropelando e realizando as coisas. Mas ele tinha uma outra característica importante: a generosidade. Na época a que me refiro, isso era fundamental, porque essa generosidade implicava em correr risco, pois dar emprego a quem era perseguido era perigoso. E Sérgio fazia isso com frequência. Não preciso citar os nomes, muitos aqui presentes sabem disso. Alguns até participaram daqueles momentos. Sérgio sempre foi assim: sempre foi temerário, sempre foi generoso, sempre foi "traidor", mas sempre teve muita inteligência e muita intuição política. Ele brincava que eu nunca o convidei para ser ministro, e é verdade. Eu não o convidei. Porque eu tinha medo, não dele, mas da reação dos outros a ele. Mas Sérgio foi tão competente durante a campanha de 94 que o PFL e o PTB me pediram para que ele fosse ministro, e inventaram pela imprensa que seria Ministro das Comunicações. Eu não disse nada, fiquei olhando a reação e pensei: "Bom, Ministro das Comunicações até pode ser, porque vão ter medo dele". E nunca o convidei, nomeei-o.

E vocês viram o que ele fez. Uma revolução na área. O deputado Aloysio [Nunes Ferreira], aqui presente, se lembra de como foram tremendas as lutas no Congresso. No começo, Sérgio era contra a privatização. Era contra! Levou um ano resistindo à privatização. Até que viu do que se tratava. Como ele era um realizador, um construtor, viu que era preciso levar adiante as tarefas que o Brasil requeria. Não havia recursos fiscais, não havia dinheiro do Tesouro, fazer o quê? E Sérgio teve a sabedoria essencial para quem vai reformar: ganhou a corporação para a privatização. Ele não fez o processo de privatização contra

os técnicos do sistema de comunicações. Ao contrário, comandou os técnicos. E devo dizer também que durante todo aquele período, Sérgio - que era detalhista - foi leal e obediente. Pode parecer estranho chamá-lo de obediente, pois ele fazia aquelas "atropeladas" todas, mas o Sérgio foi sempre leal. Ele explicava tudo, mesmo quando fosse fazer uma coisa errada. Ele me "entupia" de informações. Sérgio sempre chegava tarde da noite ao Palácio da Alvorada, comia muito. Uma vez fomos, tarde da noite, para a fazenda que nós tínhamos e sentimos fome (eu não sei fazer nada!). Ele sabia fazer ovos fritos. E fez seis ou sete ovos estalados. No dia seguinte, me disse: "eu não estou muito bem". "Também, Sérgio, eu comi um ovo e você comeu o resto!".

Mas com isso tudo ele trabalhava muito. Chegava no Alvorada e ficava horas e horas me explicando assuntos que eu não entendia. Como era, como não era aquele sistema, não sei o quê. Ele dizia: "eu sou engenheiro". Ele era engenheiro químico, não entendia nada de telecomunicações. Mas tinha uma inteligência extraordinária e conseguiu realmente fazer uma grande transformação, de modo que é mais do que justo que nós comecemos nossa manhã prestando uma homenagem - embora Sérgio fosse avesso a homenagens - e expressando nosso sentimento de saudade e de gratidão por tudo o que o Sérgio significou.

Dito isso, vamos seguir as recomendações do doutor Luiz Carlos que eu acho que são corretas. Todas as pessoas com senso público, e eu não me refiro a um partido em particular, têm a responsabilidade de pensar sobre o quê e como fazer para melhorar o País. Aqui nessa mesa há diversidade, na platéia também. Eu acho que esse pensamento não pode ser monopólio de um partido ou de uma pessoa. Temos que criar condições efetivas para que o processo social e democrático avance no Brasil. E é com esse espírito, que vamos começar os debates hoje, pedindo aos que estão ao meu lado, que são sábios, que nos expliquem como eles vêem o futuro. Obviamente, para ver o futuro, sempre convém uma certa retrospectiva, mas, de qualquer maneira, que olhem para frente. O que se pode fazer e o que se deve fazer para que o Brasil continue avançando. Eu acho que meus companheiros de mesa dispensam apresentação.

O Beto Mendonça [José Roberto Mendonça de Barros] vai falar da parte econômica. Em seguida, o André Urani discorrerá sobre a parte social. E o deputado [José Carlos] Aleluia, sobre a parte política. Eu e o Luiz Carlos vamos aplaudir. Tem a palavra, Beto Mendonça.